

INSUSTENTÁVEL LEVEZA: UMA VIDEOINSTALAÇÃO

Giovana Dantas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

RESUMO

Destaco movimentos produzidos pelo vento e pela água, que vão se apresentar nos vídeos como metáforas de dois aspectos opostos da vida cotidiana. A relação peso-leveza se distancia do tradicional dualismo - situação em que ambas as naturezas se revelam sem interseções. Aqui, peso e leveza vêm não como oposição, mas como paradoxo, que nos impõe uma relação tensionada pela impossibilidade de um ou outro existir isoladamente. Visito o texto de Milan Kundera “A insustentável leveza do ser”, buscando não uma releitura ou ilustração deste romance, mas um alinhamento de ideias, tomando esta relação como um princípio do trabalho, no qual importa muito mais a concepção e ação direta das imagens sobre o espectador, de modo que o faça desviar o fluxo comum do pensamento e aderir a novas percepções através da observação da obra visual/sonora.

Palavras-chave: processo criativo - peso – leveza

ABSTRACT

I highlight movements produced by the wind and water, which are shown in the videos as metaphors for two aspects of daily life. The heaviness-lightness relationship distances from traditional dualism – a situation where both natures are revealed without intersections. Here, heaviness and lightness come not as opposition, but as paradox, imposing upon us a relationship strained by the impossibility of one or the other to exist in isolation. I visit Kundera’ text “The Unbearable Lightness of Being”, not seeking a re-reading or illustration of this novel, but a correlation of ideas, taking this relationship as a work principle, in which what matters most is the conception and direct action of the images on the spectators, making them, first of all, cast aside the common flow of thought and adopt new perceptions through the observation of the works involving images and sound.

Key words: creative process - heaviness - lightness

A dinâmica peso-leveza

[...] Seu drama não era drama do peso, mas da leveza.
O que se abatera sobre ela não era um fardo,
mas a insustentável leveza do ser.

(Milan Kundera)

Neste trabalho apresento certos objetos em movimento, sendo este produzido pelo vento e pela água, e que vão se apresentar nos vídeos como metáforas de dois aspectos aparentemente opostos da vida cotidiana. Aqui, a relação peso-leveza se distancia do tradicional dualismo - situação em que ambas as naturezas se revelam sem interseções; aparecem não como oposição, mas como paradoxo, que nos impõe uma relação tensionada pela impossibilidade de um ou outro existir isoladamente. Visito o texto de Milan Kundera “A insustentável leveza do ser”, sem almejar uma releitura ou ilustração deste romance, mas um alinhamento de ideias, tomando esta relação como um princípio do trabalho, no qual importa muito mais a concepção e ação direta das imagens sobre o espectador, de modo que o faça desviar o fluxo comum do pensamento e aderir a novas percepções através da observação da obra visual/sonora em primeira instância. Destaquei neste processo a ideia de “leveza” como princípio de ação nos diversos aspectos da vida, em contraposição à ideia de “peso”, que aparece como fator aparentemente negativo. No entanto, percebi no andamento do trabalho e na leitura de Kundera, que o peso nos revela outra face: a de nos colocar de frente à nossa própria história, tomando-a com firmeza, tornando-a elemento suscetível a mudanças que podemos operar, enquanto a leveza pode nos levar a um estado de letargia.

Quanto mais pesado é o fardo, mais próxima da terra está nossa vida, e mais real e verdadeira ela é. [...] Em compensação, a ausência total de fardo leva o ser humano a se tornar mais leve do que o ar, leva-o a voar, a se distanciar da terra, do ser terrestre, a se tornar semi-real, e leva seus movimentos a ser tão livres como insignificantes. [...] A contradição pesado/leve é a mais misteriosa e a mais ambígua de todas as contradições. (KUNDERA, 2008, p. 11)

A relação peso/leveza também se manifesta no estado de atenção à arte e seus processos, no exercício da própria criação, nas redes que se estabelecem na construção da obra. Para Isamu Noguchi, arquiteto, designer, cenógrafo (1904-1988), “é o peso que confere significado à ausência de peso”.

Na palestra proferida por Cleise Furtado Mendes, escritora, professora do programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, que foi realizada como atividade cultural associada à exposição “Insustentável Leveza”, ela coloca algumas observações sobre a dinâmica peso-leveza no processo artístico. Destaco alguns fragmentos desta fala:

[...] Para os artistas, as imagens de leve e pesado funcionam como princípios de composição, como polos que orientam suas escolhas, seus processos de criação. Já para a crítica e para a teoria da arte, peso e leveza em geral surgem como tópicos de valoração, como medidas para avaliar as próprias obras. E como não se pode conceber a crítica e a teoria sem algum embasamento filosófico, essa valoração da obra artística, neste caso, segundo as noções de peso e leveza, pode variar incrivelmente, a depender da concepção estética que alimenta o juízo crítico. [...] Não é à toa que a ação do romance (A insustentável leveza do ser) se passa na antiga Tchecoslováquia, durante a Primavera de Praga, em 1968, quando os russos invadem a cidade. Ou seja, é também uma história sobre opressão, no sentido político. A leveza buscada por Tomas está associada também à recusa de vínculos ideológicos. Trata-se da liberdade de recusar estar preso não só a uma mulher, mas a uma causa política. Nesse contexto histórico, peso e leveza são metáforas para compromisso e liberdade, num sentido amplo, das relações pessoais até as opções de engajamento político. (MENDES, 2011)

Ela também destaca outras nuances nesta relação dinâmica que se apresenta entre estes dois polos, supostamente opostos, mas que estão em constante movimento. Na filosofia, para Sartre, que também influenciou o teatro, a literatura e o cinema nas décadas de 50 e 60, “a existência humana está baseada na liberdade”. Isto seria maravilhoso! Liberdade como símbolo de leveza, como ausência de amarras. Mas, como ainda nos mostra Cleise, “Sartre afirma também que estamos ‘condenados a ser livres’. E é dessa mesma liberdade absoluta que nasce o absurdo, o sentimento do sem sentido da existência. [...] Essa leveza é sentida como insuportável, pois ela aponta para a falta de sentido de nossas vidas. E é isso que não podemos suportar”. E mais adiante, fazendo considerações sobre o teatro do absurdo, a autora nos oferece outros ângulos de abordagem para a compreensão desta questão:

[...] Nós sabemos que o teatro de absurdo fez dessa questão um dos seus temas recorrentes. Na obra de Samuel Beckett, ou de Ionesco, nós temos imagens de seres humanos totalmente à deriva, num mundo em que os valores entraram em colapso, sem uma referência que dê sentido a suas ações. Eles podem fazer tudo, não importa o quê. E então, eles não fazem nada. Quando pensamos nesses personagens, é forçoso perguntar: sim, eles são livres; mas serão eles leves? (MENDES, 2011)

Ainda não conhecia o texto da palestra de Cleise Mendes quando produzi as obras, mas eles vieram e se apresentaram como ‘velhos amigos’, compartilhando os mesmos direcionamentos estéticos que haviam sido tomados por mim no processo de construção do trabalho “Insustentável Leveza”. A palestra aconteceu e a exposição já estava inaugurada.

A produção do trabalho

A mostra “Insustentável Leveza” foi desenvolvida no Instituto Sacatar, uma Residência Artística localizada na Ilha de Itaparica, onde eu me encontrava em meados de 2010, nos meses de junho e julho, junto com quatro escritores, compondo uma turma de residentes. Trabalhava no projeto iniciado anteriormente, que focava a relação peso-leveza como um terreno de questionamentos. O Instituto Sacatar administra um programa de residência para artistas do mundo inteiro e em qualquer disciplina. Na sua sede, o Instituto recebe uma diversidade de artistas, selecionados através do envio de propostas. Este apoio foi fundamental para a continuação e finalização do trabalho.



Giovana em processo de Residência Artística no Instituto Sacatar-Bahia
Vilarejo de Manguinhos - Ilha de Itaparica - 2010

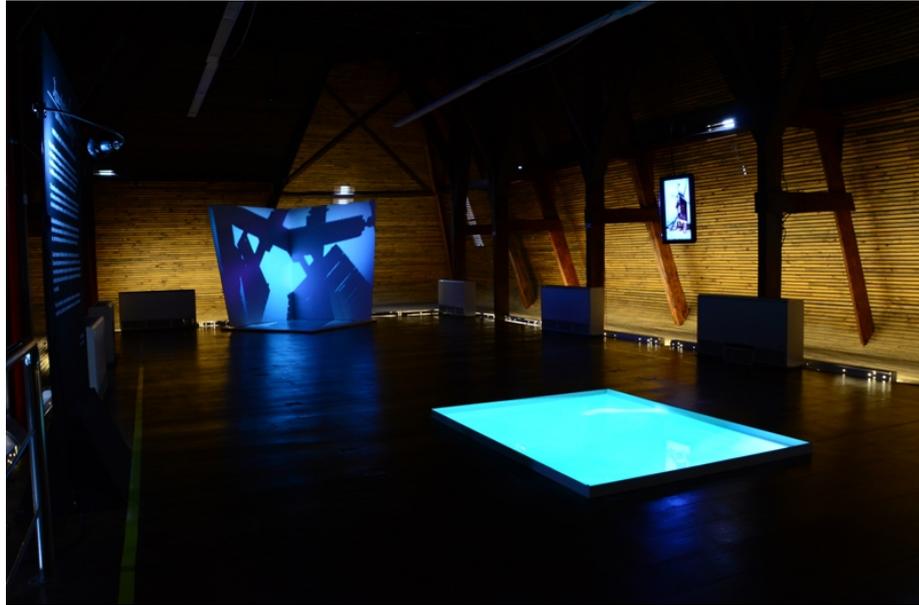
Quando entrei no Instituto, já trazia comigo uma série de imagens em vídeo e fotografia, que haviam sido capturadas durante uma viagem que realizei pelo nordeste do Brasil. Dos cinco mil quilômetros percorridos de carro, um lugar em especial me chamou a atenção: uma pequena vila do município de Aracati, localizada entre a praia e as dunas, no Estado do Ceará. Fiquei impressionada com

a enorme quantidade de cataventos que fui encontrando pelo caminho, dos mais antigos, de madeira, que emitiam rangidos estonteantes, aos mais modernos, fixados em grandes torres de metal, usados para produção de energia eólica. Filmei e fotografei compulsivamente estes objetos giratórios, as suas pás em movimento, e guardei estes arquivos sem maiores pretensões, até me deparar com o programa de residência. Partindo, então, destas primeiras imagens, comecei a pensar a relação peso-leveza, também influenciada pela leitura que fazia do romance de Kundera. Mas, o trabalho amadureceu em Itaparica, onde defini o formato da videoinstalação, produzi o vídeo “Insustentável Leveza I”, tendo a parceria de Jamie Diamond, uma escritora de Los Angeles, que aparece vestida de noiva, se deslocando levemente sobre a superfície da água do mar. Também na residência, iniciei o trabalho “Van Gogh e o vento”.

Para compor a idéia de peso e leveza, utilizei movimentos de giro e de alternância vistos nas pás dos cataventos, movimentos ondulatórios vistos nos tecidos e enquadramentos atípicos da imagem, com fotografias sequenciadas, vídeos e uma animação. A última obra, “Insustentável Leveza II”, foi produzida na cidade de Salvador, em uma maravilhosa tarde de ventania, quando um tecido de proteção que cobria um prédio em construção se desprende e se movimentou livremente em meio aos ruídos da obra e da rua. Integrando cinco estações, este trabalho foi exposto pela primeira vez na Galeria da Mansarda do Palacete das Artes Rodin Bahia, entre 22 de novembro de 2011 e 29 de janeiro de 2012, graças ao financiamento do Edital Matilde Matos – Apoio à Curadoria e Montagem de Exposições 2010, da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Esta galeria, toda forrada de madeira e escura, favoreceu o projeto expográfico desta videoinstalação.

Na sua mais recente produção, “Extremidades do vídeo”, Christine Mello fala desta forma de ocupação espacial tendo o vídeo como seu direcionador:

A videoinstalação integra a busca da arte de reorganização do espaço sensório. Uma dessas manifestações, a da arte ambiental, tão bem conceituada por Hélio Oiticica nos anos 1960, diz respeito à saída do plano material para o plano vivencial, do plano pictórico e escultórico para o plano da ação artística. (MELLO, 2008, p. 169)



Espaço expositivo da videoinstalação “Insustentável Leveza”
Galeria da Mansarda - Palacete das Artes Rodin Bahia - 2011/12

Na abertura da exposição foi realizada uma performance da videoartista alemã, Parisa Karimi, que também fez Residência Artística no Instituto Sacatar, em 2011. Parisa desenvolveu uma ação que ocupou todo o ambiente, e depois o interior da obra “Desigual-em-si: algo sobre o tempo”, com movimentos espaçados que se misturavam ao movimento desconexo das imagens das pás do catavento que eram projetadas, ao mesmo tempo, em diferentes planos.

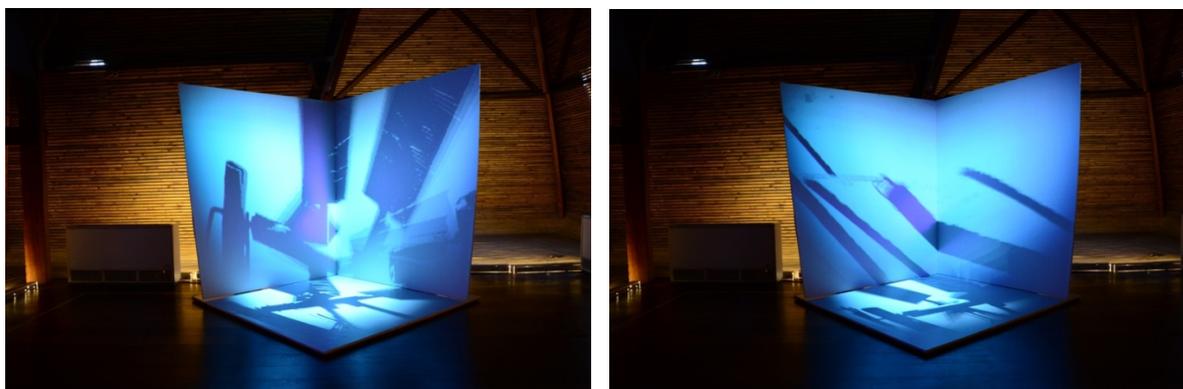


Parisa Karimi interage com a obra “Desigual-em-si: algo sobre o tempo”,
na performance de abertura da exposição “Insustentável Leveza”
Galeria da Mansarda - Palacete das Artes Rodin Bahia - 2011

Viagem pelo nordeste do Brasil: *Desigual-em-si: algo sobre o tempo*

Vídeoinstalação, interativa, composta por três projetores, apontados para direções diversas da sala, com imagens em movimento, com durações, sentidos do giro e andamentos variáveis, de um velho cata-vento de madeira, projetadas ao mesmo tempo, cujo enquadramento mantém visível apenas o giro das suas pás, e que emite um som próprio de algo pesado, que range, criando um espaço que solicita a entrada do espectador. Neste espaço temos a sensação de uma desconexão do tempo. Afirma Pelbart: “[...] não é sem esforço que tal rizoma temporal se oferece à imaginação”, e referindo-se ao pensamento de Deleuze, diz:

[...] em Deleuze, ao invés de uma *linha* do tempo, temos um *emaranhado* de tempo; em vez de um *fluxo* do tempo, veremos surgir uma *massa* de tempo; em lugar de um *rio* do tempo, um *labirinto* do tempo. Ou ainda, não mais um *círculo* do tempo, porém um *turbilhão*, já não uma *ordem* do tempo, mas uma *variação* infinita, nem mesmo uma *forma* do tempo, mas um tempo *informal, plástico*. (PELBART, 2010, p. XXI)

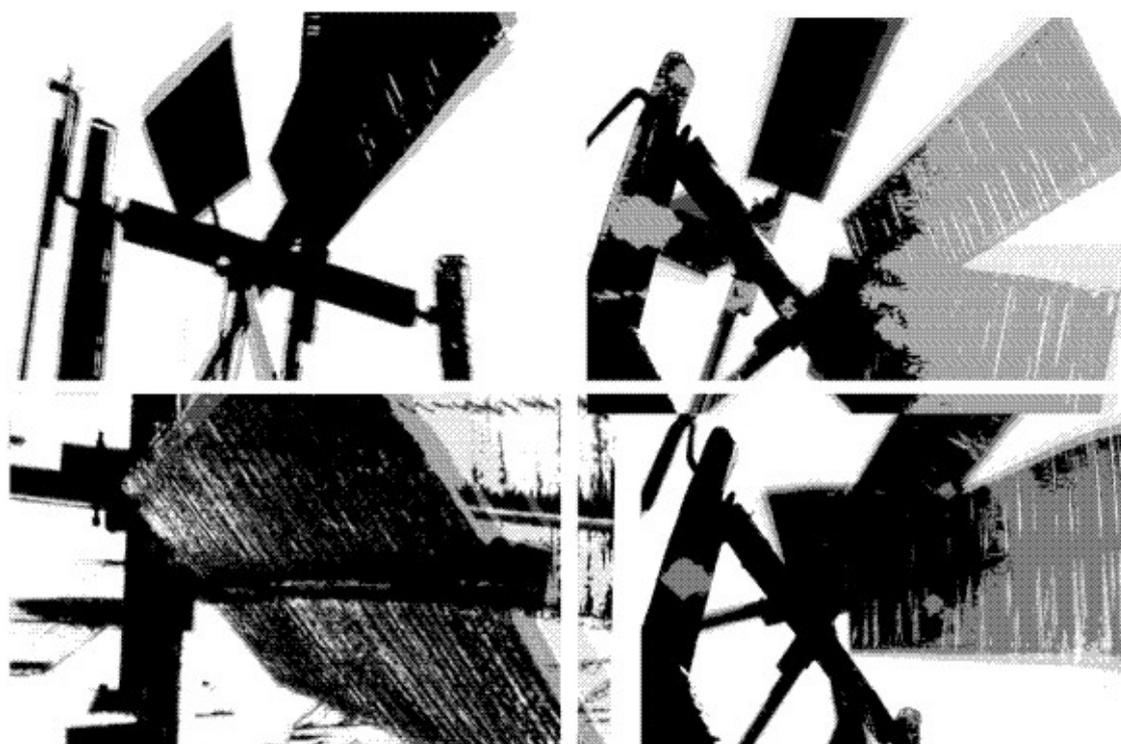


“Desigual-em-si: algo sobre o tempo”. Uso de 3 projetores simultaneamente.
Giovana Dantas. Vídeoinstalação. Ano: 2011. Duração: 8'03”

O vídeo sempre foi marcado por sua natureza híbrida, logo nos seus primeiros anos de vida, potencializando o espaço do entre-imagens da arte contemporânea através de produções que cruzam pintura, cinema, arquitetura, performance, dança etc com o próprio vídeo. Para Philippe Dubois, o vídeo é uma forma que “pensa”. Quando apareceu, falava-se dele como uma forma inédita e singular, mas ao longo dos anos 1980 e 1990, esta ideia foi passando ao descrédito, e hoje o vídeo tem as suas formas próprias de produção no campo artístico.

Christine Mello aponta direcionamentos que levam o vídeo a operar “com múltiplas ações criativas em um mesmo trabalho de arte, constituindo, dessa forma, um estado transformado da arte”, e afirma:

A perspectiva do vídeo nas extremidades implica observar os seus trânsitos na arte como interface. Nesse papel, o vídeo se coloca em contato com estratégias discursivas que não necessariamente dizem respeito à sua, produzindo, com isso, uma descontinuidade, um desvio, uma falha, uma ruptura signíca, ou aquilo que compreendemos como processos acelerados de semiose. (MELLO, 2008, p. 29)



Frames do vídeo “Desigual-em-si: algo sobre o tempo”, que mostram imagens de um velho catavento de madeira, capturadas no município de Aracati, interior do Ceará.

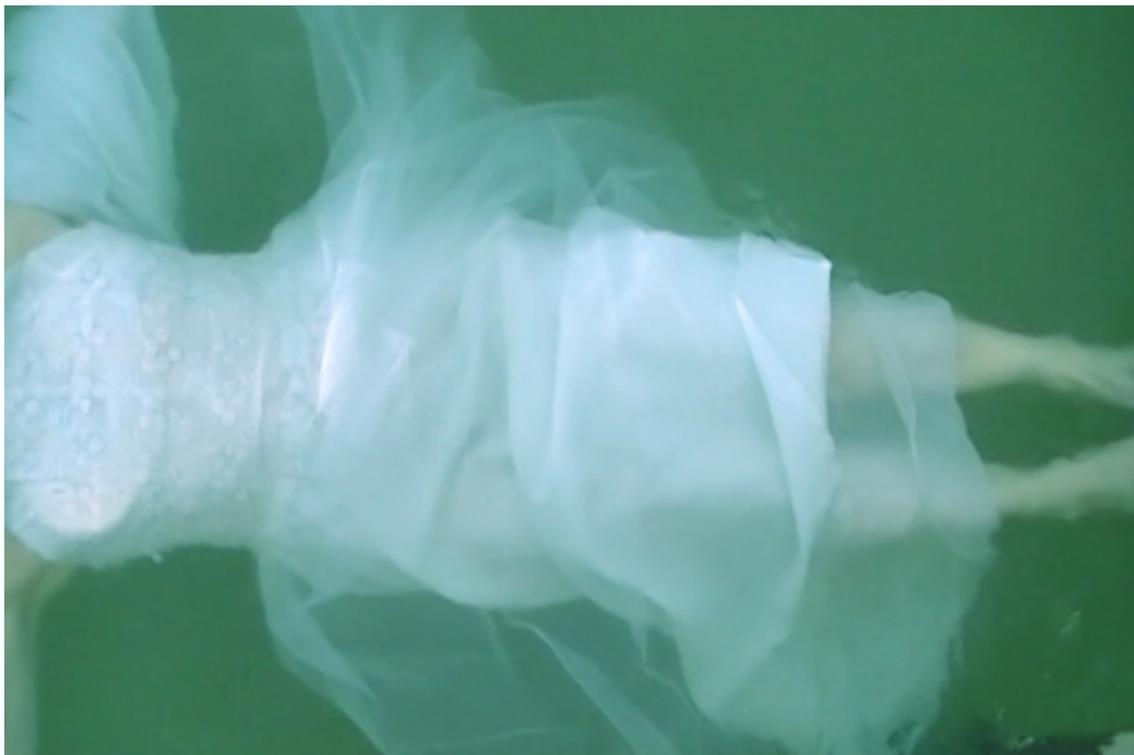
A residência artística: *Insustentável leveza I*

A oportunidade de imersão oferecida por um programa de residência artística tem sido uma condição de produção muito especial para quem se aventura na arte. Uma experiência como esta traz a possibilidade da desaceleração do tempo, da observação e da concentração no trabalho. As residências funcionam lugares de acolhimento para os processos, oferecendo oportunidades de diálogo com outros artistas.

No Instituto Sacatar, compartilhei a casa com quatro escritores de língua inglesa. A princípio pensei que as trocas se dariam superficialmente, pois não estavam diretamente ligados às artes visuais. Só que me enganei. Eles participaram dos processos, me apoiando nas filmagens e externando ideias que muito influenciaram meu processo. Em especial, destaco a parceria de Jamie Diamond, “a noiva do mar”. Neste vídeo, trabalhei com tomadas de topo, fixando a câmera num único enquadramento. O corpo de Jamie se deslocava, entrando e saindo gradativamente das margens do quadro, gerando um estado de tensão visual, pois o expectador trabalha para manter o foco no personagem, no seu corpo visto por inteiro, mas haviam só fragmentos.

Neste ambiente de fluidez líquida e transparente do mar de Itaparica nasceu o trabalho. Na mostra, esta imagem, depois de editada, foi projetada numa piscina de poliestireno, colocada no chão da galeria e contendo água. Usei um projetor no topo, direcionado para o centro do plano de projeção. As pessoas que visitavam o espaço da galeria se curvavam para tocar o trabalho com a mão, supondo haver profundidade abaixo da superfície.





Frames do vídeo “Insustentável Leveza I”.
Giovana Dantas. Videoinstalação. Ano: 2011. Duração: 7’22”

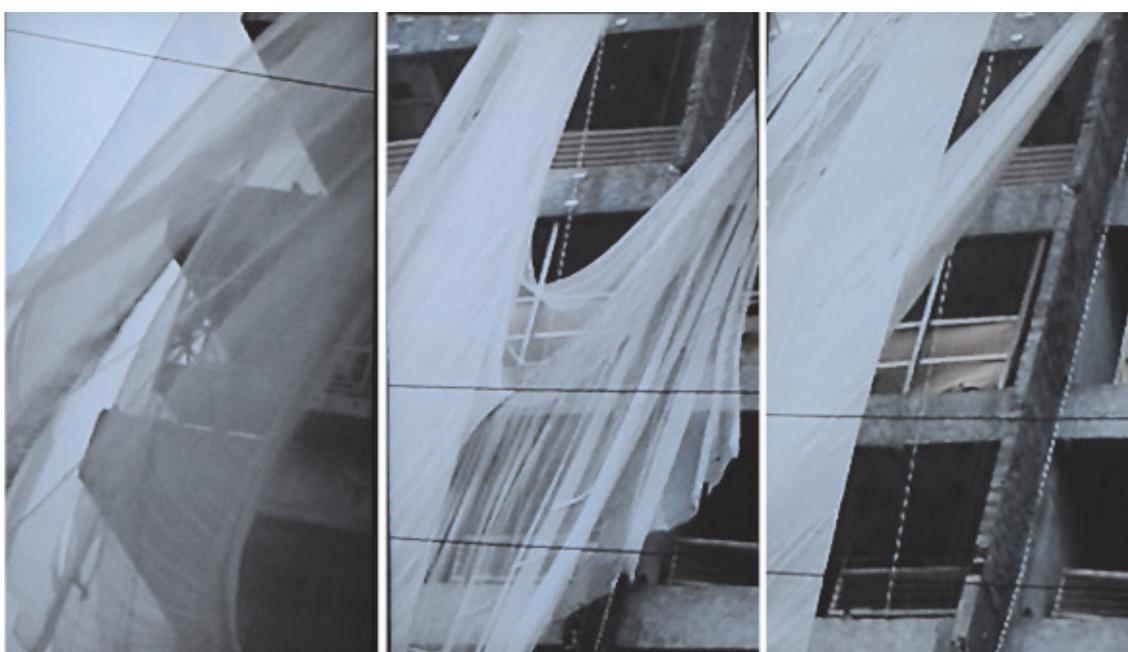
Paradoxo peso-leveza. Van Gogh e o vento

Este vídeo tem a simplicidade de ser uma animação realizada a partir da obra “Le Moulin de La Galette”, de Vincent van Gogh. Sei que é uma prática na arte contemporânea a apropriação de estilos e de formas capturadas da história da arte, através da utilização de imagens já produzidas, e assim foi construída este trabalho. Sobre obras que derivam do encontro de duas linguagens, de cruzamentos, Nicolas Bourriaud destaca:

Todas essas práticas artísticas, embora muito heterogêneas em termos formais, compartilham o fato de recorrer a formas *já produzidas*. Elas mostram uma vontade de inscrever a obra de arte numa rede de signos e significações, em vez de considerá-la como forma autônoma ou original. Não se trata mais de fazer tabula rasa ou de criar a partir de um material virgem, e sim de encontrar um modo de inserção nos inúmeros fluxos da produção. [...] Assim, os artistas atuais não compõem, mas *programam* formas: em vez de transfigurar um elemento bruto (a tela branca, a argila), eles utilizam o *dado*. (BOURRIAUD, 2009, p.13)

A experiência da cidade: *Insustentável leveza II*

Neste vídeo, um tecido muito transparente que recobre um prédio em construção se movimenta levemente com o vento, contrastando com o ambiente pesado da obra. Os carros passam na rua com sua buzinas estridentes, mas a leveza do véu contagia o espaço urbano naquele momento. Foi um dia de ventania em Salvador, um único dia, que possibilitou esta apreensão de um fragmento da vida urbana.



Frames do Vídeo “Insustentável Leveza II
Giovana Dantas. Vídeoinstalação. Ano: 2011. Duração: 6’30”

Impossibilidade e incompletude: *Giro*

Consiste num trabalho de fotografia no qual é sugerida a sensação de movimento, pela projeção de fotos sequenciadas. É composto por 30 fotografias de parte de um cata-vento localizado em Aracati, no Ceará. Os movimentos são de alternância e o giro nunca se completa.



“Giro”, fotografias sequenciadas, induzindo a sensação de movimento
Giovana Dantas. Ano: 2011. Duração: 1'34”

Considerações finais

Realizar a mostra “Insustentável Leveza” representou um resgate e uma organização dentro um fio condutor de um amplo e diversificado percurso produtivo que vinha sendo construído ao longo de dois anos. Questionar a relação peso-leveza através de imagens tornou-se uma tarefa instigante, pois vivemos submersos em dualidades rígidas.

O artista se move dentro da cultura e suas escolhas são decisivas. O processo de criação vem junto com uma maneira dedicada de ver o mundo. Ele pode revelar e alargar limites do próprio visível e enfatizar aspectos não vistos do cotidiano, buscando na obra em processo as conexões e as articulações próprias de uma construção em rede. Apresentar esteticamente a relação peso-leveza não como oposição, mas como paradoxo, que no nos impõe esta situação tensionada pela impossibilidade de um ou outro existir isoladamente, veio instaurar um entre espaço de reflexão, de potência, de construção e de geração de sentido através da experiência da obra de arte.

Enfim, foi um desafio poder decifrar um tempo não linear, a simultaneidade de tempos, através da exposição de imagens videográficas que tomam como princípio o paradoxo existente na relação peso-leveza. Leveza que é insustentável porque é impermanência; insustentável também, porque é incompletude.

Referências

- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**; tradução Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- MENDES, Cleise Furtado. **A dinâmica peso-leveza no processo criativo**. Palestra proferida em 02 de dezembro de 2011, na Galeria da Mansarda do Palacete das Artes Rodin Bahia, como atividade cultural associada à exposição “Insustentável Leveza”.
- KUNDER, Milan. **A insustentável leveza do ser**; tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Giovana Dantas

Explora fotografia, objetos, instalações. Trabalha com materiais orgânicos como couro de porco, e também materiais do mar, resultado da sua passagem pela Residência Artística, Instituto Sacatar, Ilha de Itaparica, cujo resultado foi apresentado na Caixa Cultural-Brasília (2006); no MAM-BA (2008). Graduada em Artes Visuais e Doutora em Artes Cênicas pela UFBA. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.